

Elizabeth Adler
Casamento em Veneza

Tradução de
Inês Castro

PARTE I



PRECIOUS

1

XANGAI

Seis meses depois

LILY Song tomava o pequeno-almoço na casa de chá Pássaro Feliz, um local de frente aberta para a rua, numa viela perpendicular à Renmin Road, que devia o nome aos pássaros minúsculos, aves de estimação dos clientes, que os acompanhavam nas suas pequenas gaiolas de bambu, a cantar árias matinais. Comia ali todas as manhãs, exactamente à mesma hora – às oito – e pedia sempre a mesma coisa: crepes de camarão com legumes e chá verde com grãos de sêmola que inchavam como balas de canhão em miniatura no chá quente e sabiam a chumbinhos. Os seus colegas de pequeno-almoço eram todos do sexo masculino, mas isso não a incomodava e, de qualquer maneira, estavam todos demasiado embrenhados nos seus jornais e comida para repararem nela, apesar de ser uma mulher atraente.

Era pequena e muito esbelta, com uma massa ondulante de cabelos pretos brilhantes pela altura dos ombros e olhos de um castanho tão escuro que pareciam pretos também. Tinha a pele clara da mãe europeia e o nariz delicado e sem cana do pai chinês e usava ou roupas ocidentais conservadoras compradas nas melhores lojas da Nan-king Road, ou o vestido tradicional de brocado, o *qui-pao*, em tons de jóias, talhado especificamente segundo as suas indicações por um espe-

cialista no seu minúsculo estabelecimento perto da Bubbling Well Road. Em qualquer dos casos, embora não fosse bela, dava a sensação de ser uma mulher atraente e de sucesso. O que, num certo sentido, era verdade.

Esta manhã, contudo, vestia calças pretas estreitas com um *top* de linho preto. O cabelo estava puxado para trás e tinha os olhos escondidos por grandes óculos de sol. Teria passado despercebida no meio de qualquer multidão em Xangai. Levantou a cabeça quando entrou um homem que olhou em volta. Era estrangeiro, mais velho, elegante num fato de executivo leve, bege, e trazia uma pasta de couro. Lily ergueu a mão, fazendo-lhe sinal para se aproximar.

O homem acercou-se, sentando-se na cadeira em frente. Com um «bom-dia» rude, colocou a pasta em cima da mesa. Uma empregada de andar silencioso abeirou-se e Lily pediu chá verde simples para o seu convidado. Perguntou-lhe se desejava comer alguma coisa e, com um vago olhar de aversão, ele declinou a oferta. Era suíço e conservador e não gostava de comida chinesa. A casa de chá não era o local que escolheria para um encontro profissional, mas fora Lily a contactá-lo.

– O meu cliente está interessado em qualquer coisa que tenha para lhe mostrar – disse, sem perder mais tempo. – Ou seja, desde que possa ser autenticada.

Lily já negociara com ele antes. A identidade do cliente estava preservada sob um manto de estrito anonimato, o que lhe convinha perfeitamente. Dessa forma não tinha de lidar com personalidades artísticas, ricas, difíceis, que pensavam saber mais do que ela. Negociava em antiguidades desde os dezasseis anos, em particular antiguidades roubadas, e sabia do que falava.

– Tenho algumas peças que podem interessar ao seu cliente – retorquiu em voz baixa, porque nunca se sabia quem estava a ouvir. – Espero receber muito em breve um lote de antiguidades. *Cloisonné, famille verte*, estatuetas...

– Quando as recebe? – O olhar do homem cravou-se nela, questionando-lhe a integridade. Lily detestou-o pela atitude, mas não o demonstrou. Pelo contrário, sorriu.

– Dentro de algumas semanas. Entretanto, tenho aqui uma coisa muito especial. A peça mais importante que já encontrei. – Estendeu a mão para a bolsa, puxou de uma fotografia e entregou-lha.

O homem examinou-a com atenção.

– O meu cliente não se interessa por jóias – afirmou secamente.

– Julgo que se interessará por esta quando souber qual a sua proveniência. – Lily beberricou de novo o seu chá verde, olhando-o nos olhos por cima da mesa. – O seu cliente terá sem dúvida ouvido falar da grande Dama do Dragão, Cixi, a imperatriz viúva da China?

Soletrou o nome, contando-lhe que se pronunciava *chi xi*, para ele escrever correctamente as suas notas.

– Cixi começou por ser uma concubina, mas acabou a governar a China e consta que foi ainda mais poderosa do que a sua contemporânea, a rainha Vitória. A imperatriz vivia com grande sumptuosidade na Cidade Proibida e, preparando a sua morte, mandou construir uma sepultura magnífica, um complexo gigantesco de templos, portões e pavilhões refulgindo de ouro e pedras preciosas.

– Acabou por ser aí enterrada – continuou Lily –, com a sua coroa trabalhada e vestes esplendorosas, mais as suas maravilhosas jóias e valiosos adornos. E, antes de selarem o caixão, segundo o costume imperial, colocaram-lhe na boca uma pérola enorme e muito rara, do tamanho de um ovo de pisco. Acreditava-se que isso preservaria o cadáver real da decomposição.

Lily fez uma pausa na história e estudou o homem à sua frente. Olhava para a fotografia que ela lhe dera. Percebia pela linguagem corporal que estava interessado, apesar de fingir o contrário. Tinha tudo a ver com dinheiro, pensou cinicamente. Porém, não era sempre assim?

– Vinte anos depois – disse –, as tropas revolucionárias dinamitaram a entrada para a cripta de Cixi. Os soldados despojaram os templos, saquearam todos os tesouros e abriram o caixão de Cixi. Arrancaram-lhe as vestes imperiais e roubaram-lhe a coroa da cabeça. Depois atiraram o corpo nu para o solo lamacento.

Lily interrompeu a narrativa e os olhos espantados do homem fixaram-se nos dela, à espera do que diria a seguir.

– Conta-se que o corpo estava intacto – prosseguiu Lily baixinho.
– E, da boca, furtaram aquela pérola colossal, rara e ímpar. Um raio lunar de luz e frescura como a própria morte.

O homem baixou os olhos para a fotografia e Lily sorriu: sabia que lhe despertara o interesse.

– Sim – declarou suavemente –, é essa mesma. Diz-se que existiu uma segunda pérola, arrancada da coroa da imperatriz. Corre o boato de que essa segunda pérola foi adquirida pelo primeiro-ministro Chiang Kai-shek e acabou como adorno, junto com outra bela pérola, nos sapatos de cerimónia da sua mulher, a famosa Soong Mai-ling. O resto das jóias desapareceu no esquecimento e em colecções secretas.

Fez nova pausa, obrigando-o a esperar.

– Até que, de repente, há uns sessenta anos aproximadamente, surgiu um colar, incrustado de esmeraldas e rubis, diamantes e jade, ao que parece oriundo do túmulo de Cixi. E, no centro, tinha a famosa pérola.

Sorrindo, Lily viu-o a inspirar fundo. A seguir o homem perguntou:

– E está a dizer-me que tem esse colar com a pérola em seu poder?
Ela baixou os olhos.

– Digamos apenas que sei como o conseguir.

Lily sabia que ele percebia que a existência do colar devia ser mantida em segredo, que se as autoridades descobrissem alguma coisa acerca da peça em questão, ela correria certamente perigo.

– E o preço?

– Aberto a discussão, como sempre. Obviamente que não será barato. E claro que há sempre um suplemento por causa de uma história e proveniência tão sinistras quanto estas. Muitos homens apreciariam tocar na pérola da boca da imperatriz morta, uma mulher que foi outrora uma concubina famosa. Creio que lhes daria uma excitação especial. – Sorriu para o homem, pegando na sua bolsa. – Tenho a certeza de que poderemos chegar a acordo – concluiu, oferecendo-lhe a mão.

Os pequenos pássaros trinarão alegremente quando ela saiu.

2

PARIS

A QUASE dez mil quilómetros de distância, a prima de Lily, Precious Rafferty, estava sentada num café cheio de gente perto da Rue de Buci na margem esquerda de Paris. Eram dez da manhã de um sábado chuvoso. Bebericava o seu *café crème* e mordiscava uma fatia torrada de *baguette*, observando as pessoas que faziam as suas compras no movimentado mercado de rua a abrirem os guarda-chuvas e a caminharem um pouco mais depressa pelas bancas com pilhas de fruta e legumes, ervas aromáticas e queijos.

Os clientes começavam a rarear; um sábado chuvoso não era bom para o negócio, embora felizmente a sua própria loja, Rafferty Antiques, não dependesse de transeuntes para vender.

Acabou de beber o café, fez um aceno de adeus ao empregado, que a conhecia bem porque ela era do bairro e tomava ali o pequeno-almoço todos os dias há anos, e abriu caminho através das mesas apinhadas. Deteve-se um instante sob o toldo, à porta, apertando o lenço azul por cima do cabelo para o proteger da chuva, e olhando para o casal jovem sentado a uma mesa, afrontando as forças da natureza. Estavam de mãos dadas e fitavam-se amorosamente. Calculou que fossem turistas, provavelmente em lua-de-mel, e pensou, de forma nostálgica, que pareciam muito felizes.

Como, gostaria de saber, se fazia para encontrar aquele tipo de felicidade? De onde vinha? Haveria algum elemento invisível a flutuar no ar que agarrávamos, involuntariamente, e, de súbito, lá ficávamos apaixonados e ditosamente felizes? Um casal em vez de uma pessoa só. Fosse o que fosse, certamente que ainda não o encontrara.

Parando na pastelaria para comprar um napoleão de framboesa para comer a meio da manhã, apressou-se a voltar, debaixo de chuva, virando para a Rue Jacob onde vivia por cima da sua loja de antiguidades.

Preshy dirigia o negócio há quinze anos, desde que o avô Hennessy morrera, mas ainda sentia um arrepio de excitação ao ver «*Rafferty Antiques*» escrito a letras douradas na montra. Parou para espreitar lá para dentro, imaginando ser uma cliente, mirando as paredes outrora vermelhas, desbotadas ao longo dos anos para um fúchsia suave, e admirando os apliques de alabastro em forma de concha que acrescentavam uma luz velada.

A divisão estreita estava a abarrotar de antiguidades, banhadas por uma aura suave que provinha da iluminação especial do tecto. Havia uma bela cabeça de um rapaz em mármore com os caracóis apertados da juventude; uma pequena taça etrusca que era provavelmente uma cópia de um período posterior e um mármore de tamanho natural de Afrodite a emergir do mar, a mão delicada estendida.

Ao lado da loja, altos portões de madeira conduziam a um desses pátios parisienses encantadores e reservados com uma velha árvore paulównia ao centro que, na Primavera, ficava coberta de flores vistosas que deixavam cair as suas pétalas brancas nas pedras cinzentas.

O avô de Preshy, Arthur Hennessy, que combatera com o exército americano em França e se apaixonara por Paris, descobrira o apartamento no pátio resguardado. Comprara-o por uma bagatela e abrira a loja de antiguidades especializando-se em artefactos de Itália e dos Balcãs, que eram fáceis de arranjar no período imediatamente a seguir ao conflito.

Os pais de Preshy morreram quando ela tinha seis anos, num acidente de avião a caminho de uma conferência de escritores, durante uma tempestade de neve. A avó falecera também jovem, por isso o avô Hennessy enviara a sua tia austríaca a São Francisco para a trazer de volta

para Paris. E fora a tia Grizelda, a condessa von Hoffenberg, uma mulher mundana, excêntrica, atraente, sem filhos, sedutora e absolutamente sem qualquer ideia sobre a forma correcta de educar uma criança, quem criara Presly.

Ter uma criança consigo, no entanto, não entravara por certo o estilo de vida de Grizelda. Contratou simplesmente uma preceptora francesa e levou Presly a reboque com ela para todo o lado, subindo a parada a cada poucos meses e levando-a do castelo von Hoffenberg nas montanhas, perto de Salzburgo, para a sua *suite* permanente no Carlyle, em Nova Iorque, ou para a do Hotel Ritz, em Paris. De facto, Presly tornou-se uma espécie de Eloise, a personagem infantil ficcional e internacional, íntima de porteiros, governantas e criados e estragada com mimos por chefes de mesa e gerentes de hotéis.

Adorava a tia Grizelda e também o avô, que finalmente se interessou por ela quando atingiu a idade de frequentar a faculdade em Boston, e adorava visitá-lo em Paris, onde aprendeu o negócio das antiguidades.

Confiante de que ela se daria bem com as antiguidades, o avô deixara-lhe em testamento a loja e o apartamento por cima. Mas, poucas semanas após a sua morte, Presly descobrira que o negócio estava num caos. Com a idade, o avô deixara as coisas resvalarem e só restava o *stock* – que não era abundante – e muito pouco dinheiro. Gradualmente, com bastante trabalho e dedicação, Presly aperfeiçoara o negócio. Ainda não estava a ganhar uma fortuna, e a maior parte do que entrava tornava a sair quase de imediato, reinvestido em produtos novos. Mesmo assim, era daquilo que vivia e sentia-se optimista em relação ao futuro.

Entretanto, parecia ter chegado de súbito aos trinta e oito anos sem nunca se ter comprometido numa relação séria. Claro que houvera casos amorosos e até um par de homens que acreditara serem excitantes, ou românticos, durante algum tempo, mas, afinal, nenhum deles dera certo.

«És demasiado exigente», queixara-se a tia Grizelda quando mais outro pretendente saíra de cena, mas Presly só se rira. Lá no fundo, no entanto, começava a perguntar a si própria se alguma vez encontraria alguém de quem realmente *gostasse*. Alguém que apreciasse e com quem

se pudesse rir. Alguém por quem se apaixonasse loucamente. Julgava que seria muito improvável.

Não havia nada de errado com ela. Era uma mulher alta, magra e atraente, com uma massa de cabelos encaracolados de um loiro acobreado que frisavam de forma horrível com a chuva, as maçãs do rosto salientes da mãe e a boca larga dos Hennessy. Não se preocupava muito com roupas, o que enlouquecia a tia muito vaidosa, mas acreditava vestir razoavelmente bem quando tinha de o fazer, confiando naquele velho trunfo, o pequeno vestido preto. Mas no dia-a-dia usava *jeans* e *T-shirts* brancas.

Era culta e encantadora; gostava de boa comida e era rigorosa em relação ao vinho. Assistia aos filmes mais recentes e ia a inaugurações de exposições, concertos e teatro com as suas amigas. De facto, gozava a vida, mas, pensou com tristeza, poderia gozá-la mais se alguma vez encontrasse uma alma gémea.

Entrou no pátio e subiu os degraus para o apartamento «por cima da loja» que era de pedra e do século XVI. A casa era um refúgio acolhedor no Inverno e, no Verão, com as janelas altas, abertas de par em par para a brisa, era um espaço fresco na cidade, repleto de luz solar e do som dos pássaros a fazerem ninhos na árvore paulównia.

O telefone estava a tocar e Preshey galopou pela sala e agarrou-o com um «Está» ofegante.

– Olá querida, sou eu.

A voz alta e aguda da sua melhor amiga Daria, de Boston, ressoou-lhe no ouvido e afastou o telefone com um franzir de testa exasperado.

– Não é um bocado cedo para estares a telefonar? – perguntou, tentando calcular a diferença horária.

– Pois, bem a Super-Kid esteve acordada toda a noite. Preshey, o que se deve fazer quando a nossa filha de três anos tem pesadelos? Levá-la a um psiquiatra?

Preshey riu-se.

– Deixar de lhe dar refrigerantes e doces, acho eu. É uma solução mais barata do que um psiquiatra. E, além disso, não creio que ela já tenha vocabulário suficiente para falar com um psiquiatra.

Sorria ao dar esta resposta, brincando como sempre faziam. A filha de três anos de Daria chamava-se Lauren, mas fora sempre conhecida como Super-Kid, e era a filha de Preshy. Daria casara com um professor de Física, Tom, e estava sempre a insistir com Preshy para encontrar «o homem certo». O dia de hoje não constituía excepção.

– Então, é sábado – começou Daria. – O que vais fazer esta noite?

– Oh, sabes, Daria, estou cansada. Foi uma longa semana. Fui de carro a Bruxelas para a feira de antiguidades e depois, quando regresssei, a minha assistente ficou com gripe, embora pessoalmente esteja tentada a acreditar que é o tipo de gripe que tem a ver com um homem.

– Hmm, que pena que não tenhas sido tu – retorquiu Daria com espreiteza. – Podias muito bem aproveitar esse tipo de gripe «homem», Presh. Quero dizer, como é que uma rapariga com o teu aspecto, que é... bem como *tu*, pode ficar em casa sozinha num sábado à noite em Paris?

– Porque quero, Daria. Há a inauguração de uma exposição a que podia ir, mesmo ao fundo da rua, mas não me apetece nada a maçada do vinho branco e da conversa com o artista e, além disso, não gosto do trabalho dele. E estou demasiado cansada para um filme.

– Tens de organizar a tua vida, Presh – disse Daria com severidade. – Recorda-te de que só temos direito a uma volta. Porque não vens até cá e deixas que te apresente um simpático professor do quadro? Ias ser a esposa ideal para um académico.

– *Eu?* Oh, pois, claro. E ele vivia em Boston e eu em Paris. Grande casamento, eh?

– Então deixa que Sylvie te arranje alguém.

Sylvie era a outra «melhor amiga» das duas. Era francesa, uma *chef* que abrira o seu próprio *bistrot* bem-sucedido, o Verlaine, há um par de anos, e estava tão envolvida no seu trabalho que não tinha tempo para sair com homens.

– Sylvie só conhece outros cozinheiros e com os horários de trabalho que eles têm, quem é que os quer? – replicou Preshy. – De qualquer modo, já alguma vez pensaste que posso estar perfeitamente satisfeita tal como estou? Não quero mudanças algumas; não tenho tempo para mudanças. Tenho a minha vida, saio quando quero...

– *Com quem?* – inquiriu Daria, não lhe deixando escapatória, mas Preshy só se riu.

– Estou a falar a sério, querida – continuou Daria com um suspiro exasperado. – Deixa a loja com a assistente da «gripe homem» durante uma semana e vem passar uma temporada aqui. Prometo que te vais divertir.

Preshy disse que ia pensar no assunto e conversaram mais um pouco. Quando desligou, acendeu-se da estante e olhou para a fotografia, numa moldura de prata, das três melhores amigas, aos dezoito anos.

Daria estava no meio, o cabelo comprido, liso e loiro a flutuar na brisa marítima, as pernas longas e esbeltas assentes com solidez, os olhos azuis firmes a sorrir como de costume. A estudante betinha de colégio particular personificada, de calções e pólo.

Sylvie encontrava-se à esquerda, com um corte traquina no cabelo preto lustroso e olhos escuros solenes, roliça mesmo naquela altura, porque naquele Verão trabalhara num restaurante local e estava sempre a provar a comida «para se certificar de que estava boa».

Preshy achava-se à direita, mais alta e escanzelada do que as outras, o cabelo dourado frisado num halo, por causa do ar húmido do mar, os olhos de um azul-esverdeado a cintilarem de divertimento, a boca larga aberta numa gargalhada. Nenhuma delas se podia considerar uma grande beldade, mas eram jovens e atraentes e nitidamente cheias de vida.

Enquanto raparigas, as três tinham passado as semanas de Verão na velha casa de férias forrada a ripas cinzentas da família de Daria, em Cape Cod, a mandriar, vendo passar as horas que pareciam esticar-se agradavelmente até ao infinito, a cobrirem-se de protector solar e a estenderem-se completamente ao sol, determinadas a conseguir aquele bronzeado invejável. Davam longos passeios pela praia, namoriscando com os rapazes da faculdade que topavam pelo caminho, encontrando-se com eles de novo quando o Sol se punha para uma cerveja e paté de queijo no alpendre de madeira quebradiça e a descascar. A seguir, dança na discoteca enquanto a Lua subia, batida pelo vento e feliz, os rapazes com a testosterona elevada e elas próprias muito sensuais de calções e *tops* curtos, exibindo os seus bronzeados.

Preshy conhecera Sylvie numa das escolas que ocasionalmente frequentava sempre que estava em Paris e, mais tarde, quando conhecera Daria no colégio, em Boston, trouxera Sylvie com ela porque sabia muito simplesmente que as três se iriam dar bem. Eram amigas íntimas desde essa altura. Não havia nada que não soubessem umas das outras e Preshy amava-as como se fossem suas irmãs.

Dominada por uma súbita nostalgia pelo passado, quando todas eram tão despreocupadas, tão jovens, com o mundo todo e o futuro a acenarem-lhes com novas vidas, Preshy perguntou a si mesma se, no final de contas, teria feito as escolhas erradas. Mas aquele passado desaparecera e agora tudo o que podia aspirar era transformar-se numa mulher com uma carreira bem-sucedida. Casamento e bebês não estavam definitivamente no seu horizonte.

Convencendo-se de que não devia ser tão tola e sentimental, voltou a colocar a fotografia na prateleira ao lado da do avô Hennessy e da sua bela noiva loira austríaca. Fora tirada no dia do casamento e a noiva usava um colar bizarro feito com o que pareciam ser diamantes e esmeraldas com uma pérola do tamanho de um ovo de pisco no centro. Parecia uma peça de joalheria estranha para uma jovem noiva usar com o vestido tradicional simples, mas Preshy nunca vira o colar propriamente dito. Não aparecera entre os haveres do avô e dava a ideia de ter simplesmente desaparecido.

Claro que havia também uma fotografia dos pais de Preshy, cujos rostos representavam para ela apenas uma mancha do passado, porém conservava ternas recordações deles e, em especial, uma ocasião em que a tinham levado a Veneza, um acontecimento que toda a gente dizia que acontecera quando ela era demasiado jovem para se lembrar, mas que ela sabia guardar na memória.

Havia igualmente várias fotografias da tia Grizelda: uma a bebericar um *gin fizz* com o príncipe Rainier num terraço da Côte d'Azur; outra a receber o troféu de vencedora num hipódromo qualquer com o rei de Espanha ao lado; e outra ainda envolta numa nuvem de tule escarlate numa mesa de celebridades internacionais na gala anual da Cruz Vermelha, em Monte Carlo, a comprida trunfa de cabelo ainda mais vermelha

do que o vestido e o sorriso largo e luminoso realçado por uma pincelada de batom escarlate. E com ela, claro, estava a sua melhor amiga, de longa data, Mimi Moskowitz, loira, esguia, ex-bailarina das Follies, viúva de um banqueiro rico e de uma família distinta.

Grizelda adorava o clima ameno do Sul de França, as modas, as festas, os *gin fizzes* e a companhia interessante. E Preshy também. Tratavam-na sempre com grande entusiasmo e como se fosse uma adulta – ou seja, à exceção dos *gin fizzes*.

Agora as duas viúvas partilhavam um luxuoso apartamento *pent-house*, em Monte Carlo, viajando juntas para visitar os amigos que ainda lhes restavam. Nenhuma delas tinha filhos e consideravam Preshy como sua filha, por isso, ao longo dos anos, haviam feito o possível para a estragar com mimos.

– Mas temos de aceitar o facto, querida – dissera Grizelda, por fim derrotada. – Não se consegue estragar a rapariga com mimos. Não dá qualquer importância a jóias ou roupas. Só gosta daquelas maçadoras antiguidades. Nem sequer se interessou a sério por um homem.

E tinha provavelmente razão, pensou Preshy a sorrir.

Contudo, pensando no que Daria dissera, decidiu que naquela noite envergaria o seu pequeno vestido preto, os saltos altos e a fina gargantilha de diamantes que a tia Grizelda lhe oferecera no aniversário dos seus dezasseis anos – tão diferente do fantástico colar perdido da avó –, bem como o anel de diamante amarelo-canário, uma prenda pelos seus vinte e um anos. («Já que nenhum homem te deu ainda um anel de diamantes, suponho que é melhor dar-to eu», dissera a tia G quando lho ofertara e, uma vez que Grizelda considerava que o tamanho contava, o anel era colossal.) Preshy sentia-se sempre elegante quando o usava e Daria dizia que a fazia parecer uma menina rica e lhe acrescentava um pouco de classe ao porte.

Preshy suspirou fundo. Iria àquela inauguração na galeria de arte e depois jantaria tarde, fora de horas, com Sylvie no Verlaine. Era apenas mais outra noite de sábado em Paris.

3

XANGAI

LILY vivia na zona histórica de Xangai conhecida como Concessão Francesa, numa casa de estilo colonial antigo que, graças aos seus esforços, sobrevivera à destrutiva explosão de desenvolvimento dos últimos anos.

No final do século XIX, princípio do século XX, a zona albergara as casas de diplomatas, homens de negócios e empresários franceses, bem como *socialites* dadas a festas, mas depois da revolução passara por tempos difíceis. Agora, no entanto, estava a ser recuperada e a ganhar vida, com uma mistura de pequenos negócios e lojas de rua tradicionais ao lado de restaurantes e bares elegantes, com *boutiques* chiques espalhadas entre as suas vielas e avenidas largas, orladas de árvores.

Enfiada num *longtang*, uma ruela estreita, com um clube nocturno de um dos lados e uma loja de massas chinesas do outro, a casa de Lily era uma jóia do passado, erguendo-se no seu pátio privado com um telhado de telhas vermelhas, portadas altas pintadas de verde e um alpendre largo.

A casa pertencia à família Song há várias gerações e fora o único bem que o pai de Lily não perdera ao jogo. Tinha representado a única âncora nas suas vidas caóticas e a única coisa que Lily sentira que ninguém lhe poderia tirar. O pai apostara tudo o que tinha até ao obli­vío financeiro jogando *baccarat* e *pai gow* em Macau e noutras capitais do mundo do jogo, deixando que a mulher lutasse pela vida. Mas Lily era

feita de um material diferente. Quando muito nova, decidira que teria sucesso na vida, custasse o que custasse.

A mãe, que era a filha mais velha dos Hennessy, desobedecera-lhes e fugira para Xangai com o jogador e *playboy* Henry Song. Os Hennessy nunca mais lhe falaram. Enquanto o pai de Lily percorria as mesas de jogo, a mãe tentava ganhar a vida a vender cópias baratas de antiguidades. De algum modo, a família conseguiu aguentar-se. Quando tinha dezasseis anos, o pai morreu e Lily abandonou a escola e assumiu o negócio. A mãe faleceu cinco anos depois. Lily ficou sozinha no mundo, sem ninguém com quem contar senão consigo própria.

Dirigia o seu negócio de antiguidades a partir de casa e «comprava» a maior parte das coisas barato em pequenas aldeias e vilas, procurando peças de família antigas em casas simples de pessoas do campo que não tinham ideia alguma do seu valor real. Não considerava isso roubar, meramente um bom negócio. Mais recentemente, no entanto, quando o Yangtze, o grande rio amarelo, fora escavado para construir uma barragem, quadrilhas de ladrões tinham descoberto os túmulos escondidos perto de aldeias antigas e estavam, secreta e ilegalmente, a desmantelá-los, roubando os tesouros dos antepassados.

Supersticiosa, este facto enervara Lily, mas em breve encolhera os ombros afastando as preocupações e encontrara uma nova e lucrativa fonte de rendimento, comprando às quadrilhas, ou «fornecedores» como preferia chamar-lhes, e depois vendendo a clientes particulares como o homem de negócios suíço, que actuava em nome de um rico coleccionador. Como fachada para as suas actividades ilegais, mantinha o negócio normal de fabrico de réplicas de antiguidades: os tradicionais budas, *souvenirs* de Mao e os famosos guerreiros de terracota de Xi'an, que vendia a lojas para turistas, bem como para o estrangeiro.

Estacionou o SUV preto no pátio e pressionou o botão electrónico que fechava os portões atrás dela. Havia câmaras de segurança a vigiar a rua, porque geria o negócio a partir de casa e aí armazenava por vezes antiguidades valiosas.

Embora a casa fosse de estilo colonial francês, o jardim era rigorosamente chinês, com um lago de gordos peixes dourados, símbolo de pros-

peridade e dinheiro, e uma fonte mural simples, a gotejar serenamente para as flores de lótus cor-de-rosa, cujo odor doce perdurava no ar.

Era aí que gostava de se sentar ao fim do dia, isto é, quando tinha um momento livre, com um copo de vinho e os seus pensamentos e o pequeno canário por companhia. Não havia namorado; simplesmente não tinha tempo para esse tipo de relação complexa. Todo o tempo de Lily era dedicado a fazer dinheiro.

Mary-Lou Chen saiu para o terraço, interrompendo os pensamentos de Lily.

– Oh, estás aí, Lily – chamou. – Alguém telefonou há uns minutos. Um homem. Não quis deixar o nome. – Sorriu para Lily. – Um novo namorado?

– Ah! – Lily lançou a cabeça para trás com desdém. – Nem pensar! No entanto, creio que sei quem poderá ser.

– Pedi-lhe o número de telefone, mas não mo quis dar. Disse que voltava a ligar dentro de meia hora.

Lily sorriu.

– Ótimo – respondeu. Sabia agora com toda a certeza que o suíço havia sido fígado.

Mary-Lou Chen era a sua melhor amiga, colega de trabalho e parceira no crime. Conheciam-se desde sempre. Na escola chinesa foram as duas únicas forasteiras birraciais, com os seus pais chineses e mães caucasianas. E ambas as famílias eram pobres, a de Lily devido à espiral descendente habitual nos jogadores, a de Mary-Lou devido aos péssimos métodos de gestão e à preguiça do pai. Enquanto cresciam, ambas acaalentavam a mesma ambição ardente. Enriquecerem. Desse por onde desse, iam ser ricas.

Mary-Lou era uma beldade, com a pele macia de porcelana da mãe e olhos enormes, ligeiramente oblíquos, cor do âmbar das orquídeas sara-pintadas. Usava o espesso cabelo preto curto à maneira tradicional chinesa com uma franja baixa sobre aqueles olhos espantosos.

Com as maçãs do rosto altas e feições delicadas tentara ao princípio transformar-se numa estrela de cinema, mas não tinha talento para representar. Claro que tivera imensas ofertas para actuar noutro tipo de

filmes e, com a pobreza a acenar-lhe, para dizer a verdade estivera tentada a aceitá-las. Lily salvara-a daquilo. Trouxera-a para o negócio, ensinara-lhe as regras e, agora, as duas amigas trabalhavam juntas, embora não vivessem na mesma casa.

Mary-Lou tinha um apartamento moderno no Bund, a rua mais elegante de Xangai com vista para o rio Huangpu e orlada de edifícios de escritórios palacianos, restaurantes finos em arranha-céus, bares chiques e condomínios de luxo. O pequeno apartamento ficava apenas no terceiro andar, o menos dispendioso, mas decorara-o com prodigalidade com peças modernas importadas de Itália. Fazia compras nas *boutiques* mais elegantes adquirindo a última moda europeia e, para conseguir financiar o seu estilo de vida, sem Lily saber, negociava secretamente com jóias roubadas, tornando a lapidar e engastar as pedras para as disfarçar e vendendo-as depois.

Mary-Lou não subscrevia qualquer tipo de moral ou escrúpulos. Quando se era tão pobre como ela havia sido, lutava-se para sair dessa condição da forma que se pudesse. «Rica a qualquer custo» era o seu lema. Não devia lealdade a ninguém. Nem sequer a Lily.

Seguiu Lily para dentro de casa, os saltos altos a baterem com estrépito no soalho polido de bambu.

– Quantas vezes tenho de te lembrar para tirares os sapatos? – queixou-se Lily, irritada. – Sabes que trazem imensa sujidade. Há chinelas limpas atrás da porta.

– Desculpa.

Embora tivesse sido educada à chinesa, Mary-Lou não subscrevia o velho costume de retirar os sapatos quando se entrava em casa. Tornara-se, disse para consigo própria e enquanto descalçava, ressentida, as sandálias, mais ocidental do que Lily.

A casa estava escassamente mobilada com um sofá de aspecto duro, um par de cadeirões bons de madeira de olmo e uma mesa de altar antiga lacada a vermelho e encimada por um buda dourado. Havia uma bonita bandeja de madeira com paus de incenso perfumados a arderem num suporte de *cloisonné* e um molho de crisântemos cor de bronze. Havia também uma fotografia emoldurada da mãe de Lily por cima da mesa de

altar, mas não se via qualquer foto do pai, que ela detestava. Mesmo quando o pai estava a morrer, Lily não fora capaz de lhe perdoar por ter arruinado a vida dela e a da mãe, deixando-as praticamente na miséria.

Para além dos cadeirões e da mesa de altar, havia poucas antiguidades na casa de Lily, nenhuma peça maravilhosas, nem tão-pouco delicadeza. O quarto continha o único verdadeiro clássico; uma cama de casamento chinesa, igualmente lacada num vermelho carregado, a cor do sucesso e da felicidade. Estava embutida na parede com um dossel de madeira e portadas que a fechavam por completo, como se fosse uma pequena divisão separada. E era aí, sabia Mary-Lou, que Lily dormia sozinha. Nenhum homem, tinha a certeza, alguma vez transpusera a porta daquele quarto e fechara aquelas portadas sobre si próprio e uma Lily desnuda, amando-se até à exaustão. Da forma como Mary-Lou gostava de fazer com os seus namorados.

Ajudou Lily a empilhar as caixas de cartão com as réplicas dos guerreiros de terracota na cave e depois Lily mandou-a tratar de uma incum-bência. Mary-Lou calculou que Lily queria ficar sozinha para receber o telefonema. Ficou com a impressão de que alguma coisa se passava e que não a incluía. E sentiu-se ofendida.

4

QUANDO a chamada chegou, Lily atendeu o telefone ao primeiro toque.

– Falei com o meu cliente. Ele está muito interessado. – A voz do homem de negócios era firme e decidida. – Naturalmente que precisará de ver algum tipo de autenticação.

– Hmmmm, isso poderá ser difícil, dadas as circunstâncias. Como sabe, a peça foi roubada há quase oitenta anos. Contudo, a época e autenticidade podem ser comprovadas, embora obviamente precisemos de encontrar um perito adequado, e com isso quero dizer um perito *muito discreto*. Que afiance que mantém a boca fechada.

– Trataremos disso. A próxima coisa que precisamos de discutir é o preço.

– Faça-me uma oferta – respondeu Lily, desligando.

Não se ia pôr a regatear com o homem de negócios. Levaria tempo, talvez meses, mas ele apresentaria por fim o valor certo. E seriam muitos milhões de francos suíços. O suficiente para finalmente nunca mais ter problemas.

Dirigiu-se para o fundo da cave. Estava escuro, mas conhecia o caminho. Pressionou o botão escondido atrás de uma viga e um painel deslizou para trás expondo um velho cofre de ferro, do tipo em que é preciso rodar e marcar uma combinação especial. Sabia os números de cor e a pesada porta abriu-se. Entre os maços de notas de banco guardados lá

dentro via-se um estojo de jóias achatado e vermelho-escuro. Lily puxou-o para fora. Aproximou-se da luz e abriu-o.

O colar reluziu no seu ninho de veludo negro, as jóias antigas, esmeraldas, rubis e diamantes no seu pesado engaste de ouro. E a grande pérola, cintilando como um ser vivo na obscuridade. Estendeu um dedo hesitante para lhe tocar e sentiu o choque da sua frieza na carne. Puxou rapidamente a mão para trás.

Lily só tinha o colar há algumas semanas. No seu quadragésimo aniversário, recebera a visita de um desconhecido, um homem idoso, de barba grisalha e vestido como um erudito dos velhos tempos, com uma veste cinzenta comprida por cima de calças estreitas. Era uma figura de outra era, contudo, de certo modo, sentiu que o conhecia.

– Chamo-me Tai Lam – contou-lhe. – Venho na qualidade de amigo da sua mãe.

Surpreendida, convidou-o a entrar; serviu-lhe chá, tratando-o como um convidado de honra. Disse-lhe que não sabia que a mãe tinha tido amigos. O homem inclinou a cabeça solenemente e retorquiu que na realidade assim fora. A mãe dela procurara-o pela primeira vez para que a aconselhasse e tinham-se depois tornado amigos.

– Durante a maior parte da sua vida a sua mãe foi uma boa mulher – disse –, embora sempre voluntariosa. Apenas uma vez desceu ao ponto de roubar e foi por ressentimento. Contou-me que se deveu ao facto de não conseguir impor a sua vontade e obter o consentimento dos pais para casar com Henry Song. Era muito jovem na altura – acrescentou, oferecendo a Lily o pacote que trazia. – Antes de morrer, há muitos anos, pediu-me que lhe desse isto quando fizesse quarenta anos. Queria que fizesse com isto o que desejasse. E depois contou-me a história da origem da peça que aí tem.

– O colar pertencera à própria mãe – prosseguiu Tai Lam – Mrs. Arthur Hennessy, de Paris, e fora um presente de casamento do marido. Constava que o comprara com um lote de antiguidades e jóias que entrara em França através da confusão do mercado do pós-guerra e, embora viesse com uma história associada, Arthur não transaccionava jóias e não tinha uma ideia concreta do seu verdadeiro valor. Sabia apenas que as pedras

eram extraordinárias e que constituía um belo presente para a sua nova mulher. Quando a filha, a sua mãe, fugiu com Henry Song, roubou o colar. Contou-me que nunca se perdoaria por isso, mas era demasiado orgulhosa e obstinada para o devolver. E durante todos aqueles anos escondeu-o do marido jogador, para que este não o perdesse nas mesas de jogo, com tudo o resto. Por fim, quando ficou doente e sabia que podia morrer, a sua mãe veio ter comigo. «Fica com isto, guarda-o para a minha filha Lily» disse. «É tudo o que tenho para lhe deixar. Mas não lho dê antes de ela fazer quarenta anos, porque só nessa altura será suficientemente esperta para saber o que fazer com ele e não deixar um homem roubar-lho só por pensar que está apaixonada.» A sua mãe deixou-lhe também a carta. Nela narra a história que vinha com o colar. É a história verdadeira.

Escutando-o, Lily apertara o comprido estojo de jóias vermelho-escuro contra o peito. As lágrimas queimavam-lhe os olhos. A mãe dera-lhe a única coisa de valor que possuía no mundo. A única coisa que lhe restava. Guardara-a todos aqueles anos, para ela.

Lily sabia da sua família francesa, os Hennessy, e que tinha uma prima que, dissera a mãe, se chamava Precious Rafferty. Mas era tudo.

Mais tarde, quando ficou sozinha, lera a história do colar, reconstituída meticulosamente a partir da informação que o avô conhecera, mas a que não ligara muita importância considerando-a algo tipo de conto de fadas, sobre a pérola e a imperatriz do Dragão. Investigara mais o assunto e descobrira fotografias e provas de que a história era verdadeira. E agora a famosa pérola pertencia a Lily e podia fazer com ela o que lhe apetecesse. Mas devia ser mantida em segredo. Se as autoridades descobrissem, acabaria na prisão.